

SOBRE CARRIS



BOLETIM DO CLUBE DE ENTUSIASTAS DOS CAMINHOS DE FERRO

COVID 19 – A SEDE CONTINUA ENCERRADA ATÉ AVISO EM CONTRÁRIO

A sede continua oficialmente encerrada, contudo, os sócios poderão visitar as novas instalações se assim o desejarem, aos sábados e com as devidas precauções devido à pandemia. Na nova sede continua a fase de selecção e arrumação dos artigos, e finalização de obras de reabilitação e adaptação. **Por isso, vem a Direcção renovar o apelo aos sócios que tenham disponibilidade para contribuir, em 2021, com um valor que acharem justo para financiar esta mudança de**

localização. Esta contribuição pode ser efectuada por transferência bancária para o IBAN do CEC (comprovativo de pagamento a enviar para cecferro@gmail.com):

PT50 0033 0000 1488 0040 8384 7

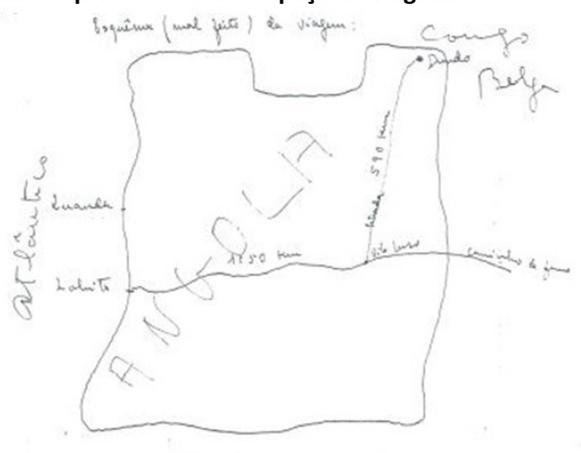
Também apelamos, naturalmente, ao pagamento das cotas de 2021 e atrasadas tendo em conta que o CEC vive quase exclusivamente desta fonte de financiamento.

Augusto Sequeira

VIAGEM LOBITO-DUNDO, 20 DE JUNHO DE 1955

Nota do sócio Fausto Bento, que cedeu este artigo:

É a transcrição do manuscrito “Viagem Lobito-Dundo”, escrita e vivida por Manuel Albuquerque, Engenheiro de Minas, supostamente em 1955, segundo o sobrinho, João Costa, que presumo ser associado do CEC e que me a entregou já algum tempo, tendo estado perdida nos meus inúmeros papéis, e que felizmente agora encontrei. No entanto, a data referida não deve estar correta, pois que a viagem deverá ter sido realizada antes de 1949, data em que foi desactivada a cremalheira que é referida na viagem com muita ênfase. Apresenta-se un esquiço da viagem:



“Depois de 5 horríveis dias passados no Lobito, eis-me no comboio pronto a prosseguir viagem. Partida! São 4 da tarde. O comboio inicia a marcha com uma máquina que resfolga, alimentada a lenha. Saída do Lobito: pântanos do lado esquerdo. Planície desoladora. Vestígios de verdura onde pasta um rebanho pitoresco de cabras, burros e bois, em bizarra promiscuidade.

Vi em Benguela - 1ª paragem - uma companheira do “Quanza”. À saída, depois de campos cultivados, pode apreciar-se uma grande extensão de terreno com arbustos e erva seca, em terra seca e estéril. Ao longe, uma grande cordilheira, deserta e árida.

Da via, sem balastro, levanta-se uma poeira horrível que entra em toda a parte, que cobre tudo. Sinto-a na garganta. Às 5 horas principiamos a subir. A máquina geme desesperadamente. É uma grande rampa. O indígena, aqui, é preto-assemelhado. Alguns parecem autênticas estátuas de bronze.

Sobe-se muito lentamente. A máquina arqueja, como que a pedir auxílio. 5h 10m. Agora, dum lado e outro, a montanha seca, escarpada, aflitiva. É

FICHA TÉCNICA:

PROPRIEDADE:

CEC-Clube dos Entusiastas do Caminho-de-Ferro

EDIÇÃO: Direcção do CEC

DISTRIBUIÇÃO: Sócios do CEC

REDACÇÃO: João Augusto, Rafael Machado e Rui Ribeiro

EDIÇÃO DIGITAL: João Augusto (Ficheiro em formato PDF)

Os sócios do CEC interessados em receber o Sobre Carris digital deverão fazer o pedido para o correio electrónico cecferro@gmail.com

esta a linha em que cada quilómetro custou a vida de um branco e cada travessa a vida de um preto. Paramos - 2ª paragem - em Lengue. Uma atmosfera infernal rodeia o comboio. Vamos subir mais. Atrrelaram uma locomotiva à cauda do comboio. Eu bem dizia que era necessário auxílio para a que nos conduziu até aqui! Partimos. Cá vão as duas a puxar. Marchamos, agora, numa garganta. No nosso lado esquerdo, a montanha. À direita, um ribeiro seco e a outra montanha, em seguida. É grandioso! Uma senhora belga, no corredor, exclama, com razão:

- *Oh! Mais c'est joli!*

É curioso que a subida é feita com cremalheira. Atravessamos o vale. A senhora não se cansa de repetir:

- *C'est joli!*

É que atravessamos outro vale idêntico. Ambas as locomotivas arquejam. Vai aí a 5 quilómetros à hora.

Ao lado da via vi agora um preto, todo esfarrapado, a fumar um elegante cachimbo e negligentemente encostado a uma pequena vara branca do tamanho de uma bengala. Parece um elegante do Chiado!

O gabarit da via é tão reduzido, que pode tocar-se com a mão nos chedos que aqui nos ladeiam. Chegamos ao fim da cremalheira. As duas máquinas festejam-se com apitos prolongados.

Chegamos a S. Pedro (embora não estejamos ainda a 29). Lá no alto, vê-se um barracão de madeira, com uma cruz espetada no ponto mais alto da fachada que está voltada para a Estação. É uma igreja. Já atrás passáramos por uma velha pequena fábrica, abandonada, com uma cruz de madeira, pintada de branco, pregada no largo portão de entrada. Era outra igreja.

Aqui, desatrelaram a locomotiva da cauda. Pelo visto, a da frente já se avém sozinha com a tarefa. Os passageiros estão todos à janela. O chefe de estação, além de ter 5 pombas em duas gaiolas grandes penduradas na fachada da sua casita, tem também uma encantadora filha, de belíssimos olhos.

Estivemos aqui cerca de uma hora, embora o horário marcasse apenas 1 ou 2 minutos. Estranhei o facto, mas – confesso - não tive a curiosidade da razão da demora. Percebida, porém, quando, à rectaguarda, senti os apitos duma máquina. Compreendido: a violência da subida é tal que, obstante as duas locomotivas, houve necessidade de deixar em Lengue parte da composição. Desta

forma, tivemos de esperar pacientemente que a locomotiva que viera na cauda fosse buscar as 5 carruagens que haviam ficado. Esta...é boa.



6h 20m. Agora vamos, novamente, em marcha. Anoiteceu. O combustível usado aqui é a lenha de forma que a chaminé da locomotiva vomita uma verdadeira chuva de partículas incandescentes.

A temperatura é agradável. Marquei o jantar para a 2ª série - às 7 horas. A 1ª é às 6 e a 3ª às 8. É curioso o seguinte facto: Dias antes de sair de casa li em qualquer parte que o número 4 é um número azarento. Agora, como não podia deixar de ser, em vista de tal, foi o lugar 4 que me coube para o jantar. E...a propósito de jantar: parece-me que tenho fome. O que me vale é que faltam apenas 16 minutos.

É noite e não posso, portanto, fazer descrições paisagísticas. Posso, no entanto, dizer que continuamos a subir. A locomotiva da cauda ficou, de facto em S. Pedro. Não era necessária. Esta aguenta-se bem nas tábuas, resfolga alegremente e leva-nos numa marcha razoável - 50 quilómetros à hora, aproximadamente.

Jantei e jantei bem. O tratamento é, mais ou menos o do Hotel Términus.

Contactos

Site: <http://www.cecferro.com/>

Flickr: <http://flickr.com/photos/cecferro>

Youtube: <https://www.youtube.com/user/cecferro>

Facebook: <http://facebook.com/cec.clube>

e-mail: cecferro@gmail.com

Correspondência: Apartado 21495, 1134-001 Lisboa - Portugal

Vejam agora, já que estou inibido, pelas nocturnas trevas, doutras descrições, o que é o veículo onde viajo.

Este comboio realiza-se quinzenalmente e tem, apenas, 1ª e 2ª classes. Nas duas leva 80 passageiros-machos e fêmeas - dos quais só dois-ambos machos - somos portugueses. Todos os outros são belgas. Faz o percurso Lobito – Elizabetteville e é bastante cómodo, o que não admira, dado o tempo que é preciso viver dentro dele. Eu vou razoavelmente instalado. Ocupo todo um compartimento de 1ª, na porta da qual está uma pequena que reza, entre outros dizeres protocolares, o seguinte: *Reservé pour Mr Albuquerque de Lobito à Frontiere*. O interior não é mau: tem ventoinha, duas lâmpadas de interruptores independentes, um lavatório, um espelho, um pequeno armário, dois porta-bagagens, uma mesa, uma campainha, etc., tudo isto de forma a ocupar o mínimo de espaço: assim, o lavatório roda em torno de um eixo horizontal e recolhe-se na parede. A mesa, idem. Enquanto fui jantar, o criado veio fazer-me a cama que não parece ser muito incomoda.

8 h – Fui passear uns momentos para o corredor, porque tinha uma certa necessidade de visitar um compartimento que há lá ao fundo, mas deve ir reservado para Mr. Occupé. Pelo menos é isso que leio na porta há mais de meia hora sem que ela se abra. É claro que o Mr. não está lá escrito, mas o Occupé, com dois cc e tudo, juro que está.

Já que estou em maré de descrições, vou descrever uma aventura que me sucedeu esta tarde, aventura que, no género, foi a primeira e deve ter sido a última:

Hoje às 6 h da manhã, fundeu no Lobito o “Albertteville”, um grande vapor belga que trouxe os passageiros que, neste momento, são meus companheiros de viagem... Vou-me deitar senão enjojo. Amanhã acabo de contar a história.

Dia 21

Acordei, definitivamente, às 6 h da manhã. Digo definitivamente porque embora tenha dormido bastante, não dormi sono contínuo, tendo acordado várias vezes durante a noite. A cama não era má. Tive frio e ainda o sinto ao levantar-me. De vez em quando, badalava uma campainha no corredor. Era sinal para o mata-bicho. Aqui não há pequeno-almoço, mas sim mata-bicho. Às 7 horas fui tomá-lo. Enquanto estava à mesa, chegamos a Nova Lisboa. O local não é feio e, em paisagem e

alinhamento das ruas, a cidade aproxima-se das boas vilas continentais. À saída da terra há grandes matas de eucaliptos que, embora crianças ainda, não deixam de ser eucaliptos. Agora há grandes manchas de pequenas árvores de que eu não sei o nome, mas que, na configuração e tipo de folha, se assemelham às japoneiras – sem camélias, bem entendido. O local é bonito e se, em vez destas árvores, houvesse pinheiros, crer-me-ia na Beira Alta. Ao lado da via – fugindo-nos aqui e além para buscar caminho mais curto, acompanha-nos os fios do telégrafo mostrando-nos que não foram – e não são vão os sacrifícios de tantos brancos....

A paisagem mantém-se a mesma, não compreendo a existência destas árvores tão verdes nesta terra tão seca, tão chupada. Voltamos aos eucaliptos. Atravessamos, agora, longas filas de nespereiras. Se o não são, imitam muito bem. E caímos, novamente, na monotonia das tais árvores que não sei como se chamam.

Voltemos, novamente à minha aventura de ontem. Como já disse aportou ontem no Lobito, o “Albertteville”, trazendo a bordo, entre muita gente, os meus actuais companheiros de viagem. Na véspera informaram-me no hotel das horas de chegada e partida desse barco. Da esfarrapada linguagem do preto, deduzi que entrava às 6 da manhã e saía às 3 da tarde. Às 9 horas fui visitá-lo. Por lá me entretive um grande pedaço: nos camarotes, nos salões, no bar...a meter o nariz em tudo. Finalmente, encostei-me à amurada do *deck* oposto ao cais a olhar o mar, a recordar, a sentir saudades.... Quando despertei do meu sonho voltei ao outro lado e fiquei estupefacto ao ver o barco a andar, já em plena baía!!! Estupefacto?! Mais que isso: parvo, banzado, doido, imbecilizado, etc. Em primeiro lugar, tive a tentação de me atirar ao mar, mas há ali tantos tubarões! Corri para um oficial e no meu mau francês, consegui expor-lhe a minha situação. Olhou-me admirado, chamou marinheiros, deu ordens, mandou avisar o comandante por um deles, enquanto o outro desaparecia não sei por onde, etc. E o barco continuava a andar!...

- *Mais...ou étais vous monsieur?* Perguntava o oficial.

- *Dans un petit tour par le bateau, gaguejava eu sem saber o que dizia. On me trompaient, parce que m’avaient dit que le départ du bateau était aux trois heures.*

- *Non, monsieur. Aux 9.*

Contactos

Site: <http://www.cecferro.com/>

Flickr: <http://flickr.com/photos/cecferro>

Youtube: <https://www.youtube.com/user/cecferro>

Facebook: <http://facebook.com/cec.clube>

e-mail: cecferro@gmail.com

Correspondência: Apartado 21495, 1134-001 Lisboa - Portugal

Cheio de nervoso, tremia angustiado. Perdia o contrato se perdesse este comboio, que partia daí a horas! O oficial, com uma serenidade que me irritava, pediu para que o acompanhasse. Fomos para a proa. Via dois marinheiros para um lado e para o outro e percebi que tratavam do meu caso.

- Irão deitar uma canoa ao mar? Pensei admirado.

Afinal vi-os deitar uma escada de corda.

- Se pensam que vou a nado, enganam-se – pensei cada vez mais angustiado.

Já me via a servir de almoço a um tubarãozinho!

É de calcular o meu nervosismo, a minha aflição. Chamava-me burro – todos nós temos momentos de lucidez - Tremia como varas verdes.

- *Vous sortiriez pour le “Quanza”,* preveniu o oficial.

Percebi. Tinham já avisado para terra e partia de lá um rebocador que, por acaso, tem o mesmo nome do barco em que vim. Com bastante dificuldade, veio acostar ao “Albertville”. Feito acrobata, desci pela tal escada de corda e saltei para o rebocador. Olhei para cima e gritei ao oficial:

- *Merci, monsieur et pardon.*

- *N’a pas de quoi.*

Todos os passageiros tinham percebido de que se tratava e todos se distribuíam pelas amuradas, a

ver o fenómeno. Riam e faziam-me sinais. Eu, isolado no meio do rebocador, estava encavacadíssimo. Nunca me tinha visto alvo de tanta atenção! Felizmente que ele se dirigiu logo para terra e, minutos depois, acostou. Eram 10 horas. Saltei em terra, fechei os olhos e pensei:

- Desta estou livre!

Mas ainda não tinha dado dois passos, ainda não tinha acabado de respirar a minha satisfação, quando um grupo de cavalheiros me abordou. O da frente, dirigindo-se a mim, saudou:

- Bons dias. Deseja pagar agora as despesas do rebocador, ou...

Interrompi-o, outra vez banzado:

- Quanto é que tenho a pagar?

- Duzentos e tal escudos.

Encolhi os ombros com ar de dolorosa resignação e respondi o que tinha a responder.

- Pago agora.

E a minha aventura terminou quando, em troca duns bilhetinhos do Banco de Angola – que fizeram imensa falta – me foi entregue um talão amarelo que conservo para recordação.

(Continua)

Fausto Bento

EFEMÉRIDE EM ABRIL

4 de Abril de 1880

Abertura do troço entre a Régua e Ferrão da Linha do Douro.

Rafael Machado

QUOTIZAÇÃO DO C.E.C.

Informamos os nossos associados, que se encontram a pagamento na nossa sede, as quotas de **2021 e as atrasadas**, nos seguintes montantes:

- Adultos: **€25,00/ano** ou €12,50/semestre
- Menores de 18 anos: **€23,00/ano** ou €11,50/semestre
- Maiores de 65 anos: **€23,00/ano** ou €11,50/semestre

Se não puder passar pela nossa sede e lhe for mais conveniente, pode fazer uma transferência bancária para a conta do CEC, com o seguinte IBAN:

PT50 0033 0000 1488 0040 8384 7

Nota: caso opte por esta via, agradecemos que nos informe, via *e-mail* ou postal, do acto da transferência, sobretudo se o titular da conta não for o próprio associado. Facilita-se assim o trabalho do nosso tesoureiro.

• Abertura da sede em 2021

- Abril: **ENCERRADA**
- Maio: **a definir**
- Junho: **a definir**

• Eventos do clube em Abril

- Dia: **ENCERRADA**

• Eventos do clube em Maio

- Dia: **A definir**

• Eventos do clube em Junho

- Dia: **A definir**

Contactos

Site: <http://www.cecferro.com/>

Correspondência: Apartado 21495, 1134-001 Lisboa - Portugal

Flickr: <http://flickr.com/photos/cecferro>

Youtube: <https://www.youtube.com/user/cecferro>

Facebook: <http://facebook.com/cec.clube>

e-mail: cecferro@gmail.com